

JAVIER ECHEVARRÍA

MISERICÓRDIA E VIDA QUOTIDIANA

COMENTÁRIO SOBRE AS QUATORZE
OBRAS DE MISERICÓRDIA



MISERICÓRDIA E VIDA COTIDIANA

Comentários de Dom Javier Echevarría às quatorze obras de misericórdia.

Escritório de Informação do Opus Dei, 2017

O Papa Francisco convocou um ano jubilar dedicado à Misericórdia, do 8 de dezembro de 2015 ao 20 de novembro de 2016.

Ao longo desse período, o site do Opus Dei publicou 14 meditações em áudio de Dom Javier Echevarría sobre as obras de misericórdia corporais e espirituais.

Este livro eletrônico recolhe o conteúdo dessas emissões. Nesta edição digital foram introduzidas algumas modificações para adaptar a linguagem oral ao texto escrito.

*Roma, 20 de novembro de 2016.
Encerramento do Ano Jubilar da Misericórdia.*

ÍNDICE

Introdução

OBRAS DE MISERICÓRDIA CORPORAIS

1. Visitar e cuidar dos doentes
2. Dar de comer a que tem fome
3. Dar de beber a quem tem sede
4. Vestir os nus
5. Visitar os presos
6. Dar pousada ao peregrino
7. Sepultar os defuntos

OBRAS DE MISERICÓRDIA ESPIRITUAIS

8. Ensinar ao que não sabe
9. Dar bom conselho
10. Corrigir os que erram
11. Perdoar quem nos ofende
12. Consolar os tristes
13. Sofrer com paciência as fraquezas do nosso próximo
14. Rezar pelos vivos e pelos defuntos

INTRODUÇÃO

O Jubileu Extraordinário convocado pelo Papa Francisco coloca a misericórdia no centro da atenção do caminhar cristão. O Santo Padre também destaca o que a misericórdia é “palavra-chave para indicar o agir de Deus para conosco. Ele não Se limita a afirmar o seu amor, mas torna-o visível e palpável”¹.

Cada um dos filhos de Deus pode ser testemunha do seu amor no decurso de sua própria vida, e de que somos chamados a responder com amor a esse amor. O Papa convida todos a serem portadores da misericórdia de Deus que tantas vezes experimentamos pessoalmente: basta pensar em quantas vezes perdoa – sempre! –, no sacramento da Penitência. Por isso, os próximos meses devem ser um “tempo favorável para a Igreja, a fim de se tornar mais forte e eficaz o testemunho dos fiéis”².

Essa proximidade do Senhor nunca poderá ser reduzida a uma palavra abstrata; tem que traduzir-se em obras, todos os dias, na conduta concreta de cada momento, nessas “intenções, atitudes, comportamentos que se verificam na atividade de todos os dias”³. O sucessor de Pedro manifestou que “A misericórdia de Deus é a sua responsabilidade por nós. Ele sente-Se responsável, isto é, deseja o nosso bem e quer ver-nos felizes, cheios de alegria e serenos. E, em sintonia com isto, – continua o Santo Padre – deve orientar o amor misericordioso dos cristãos. Tal como ama o Pai, assim também amam os filhos. Tal como Ele é misericordioso, assim somos chamados também nós a ser misericordiosos uns para com os outros”⁴.

Neste sentido, adquirem um peso muito sério as obras de misericórdia que Nosso Senhor transmitiu à sua Igreja. Jesus Cristo – o “rosto da misericórdia do Pai” – convida os cristãos a voltar os olhos para Ele constantemente e com atenção, com desejos de chegar a nos unirmos à sua vida, de imitá-lo como os pequenos imitam os seus pais ou os seus irmãos mais velhos.

São Josemaria Escrivá, fundador do Opus Dei, cultivou com paixão durante seu caminhar terreno as obras de misericórdia corporais e espirituais, seguindo Jesus Cristo. Com razão pôde escrever em uma de suas homilias: “Compreende-se muito bem a impaciência, a angústia e os anseios inquietos daqueles que, com alma naturalmente cristã, não se resignam perante as situações de injustiça pessoal e social que o coração humano é capaz de criar. Tantos séculos de convivência entre os homens, e ainda tanto ódio, tanta destruição, tanto fanatismo acumulado em olhos que não querem ver e em corações que não querem amar”⁵.

Depois detalhou alguns dos males que atingem o mundo: “Os bens da terra, – pontuava São Josemaria –, repartidos entre poucos; os bens da cultura, encerrados em cenáculos. E, lá fora, [desses lugares], fome de pão e de sabedoria; vidas humanas – que são santas, porque vêm de Deus – tratadas como simples coisas, como números de uma estatística”⁶.

Diante da ausência de misericórdia e de autêntica fraternidade, não devemos nos deixar levar pelo desalento, mas acolher o conselho de São João da Cruz: “Põe amor aonde não há amor e tirarás amor”⁷. Todos estamos chamados a ser outros Cristos, o mesmo Cristo, e assim atuar em seu nome contagiando a caridade em todos os lugares. Neste sentido, São Josemaria também destacava que Jesus Cristo “continua a convidar-nos a pôr em prática o mandamento novo do amor, o *mandatum novum* (...). Temos que

reconhecer Cristo que nos sai ao encontro nos nossos irmãos, os homens. Nenhuma vida humana é uma vida isolada, mas entrelaça-se com as outras vidas. Nenhuma pessoa é um verso solto: fazemos todos parte de um mesmo poema divino, que Deus escreve com o concurso da nossa liberdade”⁸.

Talvez alguém poderia pensar que – sobretudo nos países mais avançados – com os progressos na assistência social, sanitária, de trabalho, etc., as tradicionais obras de misericórdia seriam desnecessárias, ou até supérfluas, e não é assim! Inclusive nas nações mais desenvolvidas, muitas pessoas vivem no umbral da pobreza, carecem dos serviços mais elementares e sofrem a solidão ou o abandono, mesmo que disponham de meios materiais. Com muito acerto, o fundador do Opus Dei observava, muitos anos atrás, que, quando as circunstâncias históricas parecem ter superado a miséria e a dor, precisamente então se torna mais urgente esta delicadeza da verdadeira fraternidade cristã, que sabe adivinhar onde há necessidade de consolo, também no meio do aparente bem estar geral.

Com a ajuda de Deus, ao longo destes meses, proponho-me oferecer algumas considerações sobre as quatorze obras de misericórdia, espirituais e corporais, com a intenção de que penetrem com mais profundidade na nossa existência ordinária. Nos altos e baixos de cada dia – o trabalho, a vida em família, as relações com os outros–, o Mestre convida-nos a nos identificarmos com Ele. Dessa forma, nosso caminhar terreno com Jesus Cristo poderá converter-se numa “escola de misericórdia”.

[Vóltar ao índice](#)

* * *

¹ Francisco, *Bula Misericordiae Vultus*, n. 10.

² Francisco, *Op. Cit.*, n. 3.

³ Francisco, *Op. Cit.*, n. 9.

⁴ *Ibid.*

⁵ São Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, n. 111.

⁶ Francisco, *Op. Cit.*, n. 9.

⁷ São João da Cruz, "Carta a la M. M^a de la Encarnación", en *Vida*, BAC, p. 1322.

⁸ São Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, n. 111.

OBRAS DE MISERICÓRDIA CORPORAIS

VISITAR E CUIDAR DOS DOENTES

A primeira obra de misericórdia corporal que a Igreja nos propõe concentra-se em visitar e cuidar dos doentes: uma tarefa que Jesus Cristo realizou com uma frequência constante durante a sua passagem pela terra. Entre muitas outras cenas do Evangelho, vemos-Lhe curar a sogra de Pedro, devolver a saúde à filha de Jairo, atender o paralítico da piscina de Betsaida ou colocar-se diante dos cegos que O esperavam à entrada de Jerusalém. A dor dessas pessoas mostra-nos que Deus vai ao seu encontro e lhes anuncia a salvação que veio trazer a todos os homens.

Nos doentes, o Senhor contemplava a humanidade mais necessitada de salvação. Acontece que, enquanto temos boa saúde, pode surgir a tentação de nos esquecermos do próprio Deus. Mas, quando se apresenta a dor ou o sofrimento na nossa vida, talvez venha a nossa mente o grito do cego ao sair de Jericó; "Filho de Davi, tem compaixão de mim!".¹ Na debilidade, sentimos-nos criaturas especialmente necessitadas.

Detenhamos também nosso caminhar diante das fadigas dos outros, com vimos Cristo proceder. O Espírito Santo, Amor infinito, consolará outras pessoas por meio da nossa companhia, da nossa conversa e do nosso silêncio respeitoso e construtivo quando o paciente o necessitar. Todos nos ocupamos, diariamente, de numerosas atividades e as tarefas se multiplicam sem cessar. Mas não devemos permitir que uma agenda apertada leve a nossa vida ao esquecimento dos doentes.

São muitos os exemplos de santos e santas que imitaram Jesus, também nesta obra de misericórdia. Por exemplo, São Josemaria costumava explicar que o Opus Dei havia nascido – como uma necessidade – nos hospitais, entre os doentes. Desde que se mudou para Madri em 1926 ou 1927 até 1931, colaborou intensamente em várias instituições assistenciais – o Patronato dos Enfermos, a confraternidade de São Felipe Néri, etc. - que atendiam pacientes dos hospitais e das periferias da capital. Madri contava, na época, com mais de um milhão de habitantes. Os subúrbios estavam distantes entre si, faltavam meios de transporte e, com o objetivo de servir os enfermos em suas casas e barracos, o fundador do Opus Dei ia até onde fosse necessário, sempre a pé, e lhes transmitia o consolo de Cristo e o perdão de Deus Pai. Quantas pessoas terão chegado ao Céu por este trabalho sacerdotal de São Josemaria!

Nestes ou em outros hospitais e lugares, principalmente a partir de 1933, era acompanhado por alguns jovens a quem dirigia espiritualmente. Com eles, o Fundador da Obra oferecia aos pacientes palavras de carinho ou lhes prestava diferentes serviços como lavá-los, cortar as suas unhas, penteá-los ou facilitar-lhes uma boa leitura. Justamente muitos desses jovens, ao contato com a dor e a pobreza de outras pessoas, descobriram Jesus, com profundidade, no doente e no desamparado.

Meus filhos e filhas, amigos e amigas que participam nos apostolados da Prelazia, esta atenção aos desvalidos não deve se reduzir a uma característica somente dos inícios: o Opus Dei continua nascendo e crescendo cada dia em você, em mim, quando praticamos a misericórdia com os desamparados, quando descobrimos Cristo nas almas que nos rodeiam, especialmente as que são atormentadas por algum mal.

Como Cristo, lhes levaremos a misericórdia de Deus: com os nossos cuidados, com a nossa presença, com os nossos serviços, inclusive com uma simples chamada telefônica. Poderemos assim lhes distrair

da dor ou da solidão, escutar com paciência as suas preocupações, transmitir-lhes carinho e fortaleza para que reajam com dignidade perante suas circunstâncias. Lembrem-lhes que a doença é uma ocasião para que se unam à Cruz de Jesus.

Em *Caminho*, obra conhecida em todo o mundo, São Josemaria escreveu: "Criança. - Doente. - Ao escrever estas palavras, não sentis a tentação de as pôr com maiúsculas? É que, para uma alma enamorada, as crianças e os doentes são Ele"². E já desde a sua juventude – me refiro à de São Josemaria – via Cristo em quem sofre, porque Jesus não só curou os doentes, mas também se identificou com eles. O Filho de Deus padeceu dores imensas: pensemos, por exemplo, no seu esgotamento físico e espiritual no Horto das Oliveiras, na indescritível dor de cada chicotada durante a flagelação, na dor de cabeça e fraqueza física que deviam inundá-lo com o passar das horas durante a Paixão...

Para quem padece uma doença, essa situação de "paciente" talvez seja acolhida como uma carga escura e carente de sentido. A realidade pode tornar-se sombria e sem razão. Por isso, se o Senhor permite que experimentemos a dor, vamos aceitá-la. E se temos que ir ao médico, obedeçamos docilmente suas indicações, sejamos bons pacientes: com a ajuda do Céu, esforcemo-nos por aceitar essa situação e desejemos recuperar as forças para servir com generosidade a Deus e aos outros. Mas, se Sua vontade for outra, digamos como Nossa Senhora: *fiat!*, Faça-se! Que se cumpra Sua vontade...

Desta forma, saberemos nos dirigir ao Senhor na nossa oração, manifestando-lhe: «Eu não entendo o que Você quer, mas também não exijo que Você me explique: Se Você permite a doença, dê-me a ajuda para suportar este tempo, que eu me una mais a Você, que me una mais às pessoas que me acompanham, que me una mais a toda a humanidade». . E, repetindo umas palavras de São Josemaria, confiemos ao Espírito Santo: «Espírito de entendimento e de conselho, Espírito de alegria e de paz! Quero o que quiseres, quero porque o queres quero como quiseres, quero quando quiseres...»³.

Quanto bem causa à alma de cada uma e cada um ser portadores da misericórdia! Roguemos ao Senhor, por meio de sua Santíssima Mãe, que nos sustente para transmitir o carinho de Deus a quem carece de saúde, e acolhamos com paz a misericórdia do Senhor, se sua Vontade se traduz em que nos unamos a Ele por meio da Cruz.

[Voltar ao índice](#)

* * *

¹ Mc, 10,48.

² São Josemaria, *Caminho*, n. 419.

³ São Josemaria, Texto citado em *Camino, edición crítico-histórica*, Rialp, 2002, p. 271.

DAR DE COMER A QUE TEM FOME DAR DE BEBER A QUEM TEM SEDE

Hoje consideramos duas obras de misericórdia corporais: dar de comer a que tem fome e dar de beber a quem tem sede. Deus, Pai de Misericórdia, alimentou o seu povo ao longo dos séculos e continua a fazê-lo diariamente, colocando o alimento na nossa mesa. Por isso, é muito oportuno que se difunda nas famílias o hábito de rezar uma oração antes das refeições, e agradecer a Deus os seus benefícios ao terminar. Não deixemos este costume, mesmo quando estivermos fora de casa, porque é uma profunda manifestação de fé, e isso pode ser um apostolado muito eficaz para aqueles que nos veem.

Neste Jubileu extraordinário da Misericórdia, o dom diário dos alimentos não só deve reavivar em nós o agradecimento a Deus, mas também a preocupação com os irmãos que não têm o sustento diário. Pensemos nos milhões de pessoas no mundo que não têm nada ou quase nada para pra comer. Em contrapartida, em alguns lugares, às vezes a comida é desperdiçada: para reduzir as reservas, por negligência ou para manter os preços elevados.

«Os alimentos que são jogados no lixo - são palavras do Santo Padre - são como se fossem roubados da mesa de quem é pobre»¹. Por isso, o Papa animou em várias ocasiões a melhorar a distribuição de produtos no mundo, e, assim, combater com esta e outras iniciativas, a *cultura do descartável*, como ele mesmo chama.

Dirijamos o nosso olhar para Cristo, e admiremos como multiplicou os pães e os peixes para saciar a multidão faminta. Um pouco antes, os apóstolos tinham sugerido que ele despedisse as pessoas: «Este lugar é deserto e já é tarde. Despede-os, para que possam ir aos sítios e povoados vizinhos e comprar algo para comer»², propuseram. Curiosamente, os Apóstolos propunham que depois de ter ouvido a palavra de Deus, cada família procurasse o próprio sustento. Mas o Senhor manifesta com fatos que dar de comer ao faminto é tarefa de todos nós: «Vós mesmos, dai-lhes de comer»³, diz Jesus a eles, e então se realiza o grande milagre que surpreende a todos.

Os Doze aprenderam bem a lição, pois mais tarde, nos primeiros anos da Igreja, encorajaram a distribuição de alimentos entre os fiéis mais pobres. Esta atitude manifestou-se na Igreja até hoje, e surgiram muitas iniciativas de caridade impulsionadas pelos cristãos. Nos países menos desenvolvidos, e também nas periferias dos desenvolvidos, surgiram bancos de alimentos, cozinhas comunitárias, escolas de culinária para pessoas sem preparação e muitas outras iniciativas de serviços. Não nos conformemos com admirar estas iniciativas; pelo menos rezemos para que sejam muito eficazes e demos uma mão se pudermos fazê-lo.

Cheios de alegria e generosidade, sejamos portadores da misericórdia de Deus com todos, especialmente com os desabrigados. Não faltarão possibilidades se praticarmos a caridade. Por exemplo, dedicar um tempo regularmente a organizações de solidariedade; envolver-se nesta tarefa, também como ocupação profissional; fornecer ajuda econômica a estas iniciativas; trabalhar para transformar as leis que impedem o comércio justo de alimentos; evitar o desperdício de comida na própria casa, e assim por

diante.

Devem ecoar na nossa alma as palavras de Jesus: «eu estava com fome, e me destes de comer; estava com sede, e me destes de beber»⁴. Perguntemos a nós mesmos: o que eu posso fazer? Como animo os outros?

Jesus, que é Dador de vida, não só distribuiu os pães e os peixes numa colina da Galileia, mas também, ao chegar o momento sublime da Última Ceia, vemo-lo distribuir o pão transformado no Seu Corpo e o vinho transformado no seu Sangue. Se alguma vez nos desculpamos para não nos comprometermos com as obras de caridade, ou se o egoísmo leva-nos a afastar o olhar dos que não têm o mínimo necessário; se desperdiçamos dinheiro; ou se pensarmos que a fome é um tema muito complexo para lidar com ele pessoalmente, olhemos mais atentamente para Cristo-Eucaristia: Ele, Justiça suprema, ofereceu-se como alimento e se entregou completamente. Veio a este mundo para que a sua vida fosse sustento da nossa. Sua generosidade nos dá vigor, e a sua morte devolve-nos a vida.

Jesus Cristo, o rosto da misericórdia do Pai, oferece-nos o alimento do seu Corpo e do seu Sangue sob as espécies do pão e do vinho, trazendo-nos deste modo uma participação na vida eterna. Vamos imitá-lo: não podemos chegar a esta entrega total, mas temos a capacidade de dar de comer e de beber aos membros do Corpo Místico de Cristo, convidando-os a se aproximarem da Eucaristia e também dar outras ajudas materiais.

Desde o início do Opus Dei, São Josemaria gravou nos que estavam recebendo formação ao seu lado o grande desejo cristão de ir ao encontro dos pobres, dos que carecem de meios materiais; e procurou com gentileza os necessitados e outros que procuravam esconder a sua pobreza com dignidade. Chamava-os de *os pobres da Virgem*, e visitava-os regularmente nos sábados, em honra de Nossa Senhora. Praticava esta obra de misericórdia sem humilhar. E sugeria aos rapazes que o acompanhavam, dar um pouco de dinheiro ou algo divertido para ler, alguns brinquedos para as crianças, doces a que só os ricos têm acesso... e, acima de tudo, transmitia-lhes carinho, conversa, verdadeiro interesse pelas suas necessidades e problemas, porque viam neles - com alegria - que estavam trabalhando com seus irmãos.

A mesma coisa pode se repetir diariamente na vida de cada um. Podemos pedir a São Josemaria para nos ajudar a identifica-las e seguir o seu exemplo de serviço, de caridade, que é carinho verdadeiro.

[Voltar ao índice](#)

* * *

¹ Francisco, *Audiência geral*, 5 junho 2013.

² *Lc* 9,12.

³ *Lc* 9,13.

⁴ *Mt* 25,35.

VESTIR OS NUS

VISITAR OS PRESOS

Neste mês refletimos sobre duas obras de misericórdia materiais, que abordam diferentes tipos de pobreza: a de quem não tem roupas e a de quem carece de liberdade.

Vestir os nus não é apenas resguardar o corpo do clima; equivale também a ajudar uma pessoa a manter a sua dignidade. A roupa torna possível, a cada homem e a cada mulher, apresentar-se convenientemente diante dos outros e é, frequentemente, reflexo de elegância interior cristã.

Ao meditar a Paixão do Senhor, salta à vista que Cristo padece as injustiças dos homens. Ninguém, ninguém, exceto a sua Mãe e outras poucas pessoas, lhe dirige um gesto de misericórdia nas horas da crucifixão. Inclusive arrancaram-Lhe as suas vestes, que foram sorteadas entre os soldados. Quando Jesus nos convidou a vestir os nus, sabia que nem sequer esse gesto de misericórdia seria concedido a Ele. A nudez de Cristo na Cruz é imagem da ausência de misericórdia da nossa parte, dos homens, das mulheres; da nossa falta de amor, da frieza causada pelas nossas ofensas e pelo egoísmo.

O que os nossos antepassados não fizeram no Gólgota, podemos, de certa maneira, emendá-lo agora com os nossos irmãos os homens. Não são poucos, também nas sociedades opulentas, os que não têm meios materiais para conseguir roupa digna, ou se vestirem com normalidade. Este Jubileu oferece-nos outra ocasião para «abrir os olhos às misérias do mundo»¹, e descobrir também à nossa volta essas pessoas necessitadas. Existem, ou podem promover-se, instituições de caridade com as quais é possível contribuir de diferentes maneiras, com o nosso tempo ou com o nosso dinheiro, para proporcionar roupa digna a quem dela necessita.

Ao mesmo tempo, numa sociedade que fez da moda um peso que nalgumas ocasiões escraviza, esta pode ser uma ocasião para destinar algum dinheiro a obras de caridade, poupando em compras de roupa originadas pelo capricho e cuidando melhor da própria roupa. Também cabe esforçar-nos por dar exemplo com uma aparência externa simples e digna.

Exerceremos também esta obra de misericórdia se ajudarmos – com caridade, respeito e paciência – quem, por pobreza de ideais ou de formação, rebaixam a sua própria dignidade no modo de vestir. Sugerir que não sigam certas modas de mau ou de gosto duvidoso é uma tarefa educativa de especial importância dos pais e mães para com os seus filhos e filhas e de qualquer pessoa para com os seus amigos ou amigas. Cada um de nós é filho ou filha de Deus e o modo de vestir também faz parte do reconhecimento da própria dignidade. Façamos ver que a roupa, o vestuário, recobre um corpo informado pela alma espiritual, que é o importante, e destinado à ressurreição gloriosa.

Outra obra de misericórdia clara é visitar os presos. Dirigimos o olhar de novo para Cristo: o Senhor da Terra esteve preso na noite prévia à sua crucifixão. Que horas tão amargas para Jesus! Privaram-no da liberdade prendendo-o, enquanto aguardava um julgamento e uma condenação absolutamente injustos, iníquos. Paradoxalmente, num ato de completa liberdade, aquele Prisioneiro, com maiúscula –

desprezado por todos – estava libertando-nos do pecado e não desdenhava esse serviço porque é o Filho de Deus, irmão de todos os homens e mulheres.

Quem está privado da liberdade necessita ser confortado na esperança. Por isso, em numerosas ocasiões, os Papas – também o Papa Francisco – foram visitar os presos, e transmitiram-lhes palavras de alento, convidando-os a aproveitar esse período das suas vidas para se abrirem a Deus. «Quando Jesus entra na vida de alguém – disse o Papa Francisco numa prisão da Bolívia – essa pessoa não fica detida no seu passado, antes começa a olhar o presente de outra maneira, com outra esperança. A pessoa começa a olhar com outros olhos a si própria, a sua própria realidade. Não fica presa ao que sucedeu, pelo contrário é capaz de chorar e de encontrar aí a força para voltar a começar»².

Visitar os presos, ou ajudá-los na sua reinserção social, é servir os que foram afastados da sociedade. Que trabalho mais bonito podem desempenhar os que trabalham ou colaboram nessa tarefa! Especialmente atendendo os que se encontram presos por motivos religiosos, o que agora é tão frequente.

Pensemos também naqueles que estão encerrados não em prisões de cimento, mas em outro tipo de grades: as que originam o álcool, a pornografia, as drogas, ou outros vícios que aferrolham a alma e a mergulham num abismo.

Levemos a todas essas pessoas a nossa proximidade, a nossa compreensão, os nossos conselhos e, acima de tudo, a nossa oração. Recordemos-lhes que Deus não deixa ninguém cair da sua mão, que não abandona nenhum dos seus filhos. A todos oferece sempre novas oportunidades, até ao último instante dos nossos dias.

São Josemaria foi em várias ocasiões à cadeia modelo de Madri durante os anos 30 do século passado. Encontravam-se ali alguns jovens que ele atendia espiritualmente, presos exclusivamente por motivos políticos. Vestido com batina, em tempos em que os sacerdotes eram agredidos, ajudava-os a rezar e animava-os a aproveitar o tempo, estudando idiomas ou revendo o catecismo. Inclusive, nesse exercício de caridade, convidou-os a que jogassem futebol com presos de ideias opostas, anticristãs, para que, dessa amizade que se gerava com o esporte, pudesse surgir o respeito mútuo.

São Josemaria sabia que as prisões, físicas ou morais, podem ser também lugares de encontro com Cristo, lugares de conversão profunda. Por isso recomendava aos fiéis da Prelazia que não deixássemos de nos ocupar dessa tarefa com um sentido cristão e de fraternidade. Se os cristãos levarem a esses lugares o bálsamo da misericórdia de Deus, muitos dos detidos poderão experimentar a verdadeira libertação: a consciência de se saberem filhos de Deus e, portanto, amados sem condições e protegidos também pela nossa Mãe, a Virgem Maria.

[Vóltar ao índice](#)

* * *

¹ Francisco, *Bula Misericordiae Vultus*, n. 15.

² Francisco, *Discurso no Centro de Reabilitação Santa Cruz (Bolívia)*, 10 julho 2015.

DAR POUSADA AO PEREGRINO

«Era peregrino e me acolhestes»¹. As pessoas que escutaram estas palavras de Jesus Cristo, conheciam bem os perigos que ameaçavam aqueles que se aventuravam pelos caminhos: ladrões, feras, um clima adverso ou outros riscos. Também Maria e José experimentaram a insegurança dos peregrinos quando Cristo veio ao mundo. Uma após outra, foram-lhe fechadas as portas de Belém. Só um estábulo acolheu o Deus nascido. Tempos depois, a Sagrada Família, perseguida pelo rei Herodes, partiu para o exílio num país estrangeiro, sem levar nada consigo pela urgência da partida.

O Santo Padre disse que «a pregação de Jesus apresenta-nos estas obras de misericórdia, para podermos perceber se vivemos ou não como seus discípulos»². Portanto, perguntamos a Deus, na nossa oração: Porquê, Senhor, nos convidas a dar pousada ao peregrino? Que nos queres ensinar?

Dar pousada ao peregrino é acolher o estranho, é fazer espaço no nosso mundo seguro e estável para quem necessita de ajuda; é oferecer proteção aos que se veem ameaçados arriscando com eles a nossa própria comodidade, compartilhando o nosso bem-estar e, portanto, perdendo um pouco essa tranquilidade para nós mesmos e fazê-lo com alegria externa e interna.

Nos últimos meses, contemplamos diariamente, com dor, como milhares de pessoas estão gastando e a consumindo as suas vidas para conseguirem uma existência mais digna num país ou continente diferente do seu. Não é um fenómeno novo, mas recentemente as desigualdades sociais e as guerras chegaram a tais níveis que, nem o mar, nem outros limites naturais, puderam conter por mais tempo esse fluxo migratório. O peregrino já não é uma figura longínqua, mas está cada vez mais presente nas ruas das nossas cidades. O Papa referiu que, se olharmos com indiferença a dolorosa viagem destas famílias, é porque «perdemos o senso da responsabilidade fraterna»³.

Sociedades que durante séculos se desenvolveram ao calor do cristianismo, enfrentam agora este desafio gigante. Por isso, atrevo-me a dizer que só haverá capacidade de acolher os que se veem forçados a emigrar, se nos exercitarmos todos diariamente na caridade de Cristo. Essa misericórdia –que tantas vezes os consolou nas suas terras de origem, pela mão de missionários, religiosos, religiosas e de tantos homens e mulheres de boa fé a quem devemos estar muito agradecidos– inspirará agora a criatividade de muitas pessoas.

Será necessário desenvolver iniciativas diversas para distribuir entre todos o bem-estar indispensável, os postos de trabalho, os lares, a educação, etc. Compreendamos bem que não se trata apenas de um problema económico, trata-se principalmente de um problema moral, porque quando um irmão reclama justiça, o cristão deve responder também com a caridade.

O Evangelho mostra-nos como o próprio Senhor desfrutou da hospitalidade de muitos dos seus amigos enquanto pregava pela Judeia e a Galileia. E, aos que Lhe abriam as portas das suas casas, Jesus transformava-lhes a vida: Marta, Maria e Lázaro gozaram assim da amizade do Redentor; Simão, o fariseu, aprendeu o valor do perdão; Zaqueu abandonou a sua vida egoísta... Agora, nos tempos presentes, Cristo continua a procurar amigos que O acolham nos emigrantes ou deslocados.

Tu e eu podemos hospedar o Senhor nas nossas almas diariamente, quando O recebemos na Santa Eucaristia. Minhas irmãs e meus irmãos, amigos e amigas, pensemos: que hospitalidade damos ao Redentor? Preparamos bem o coração como esses personagens do Evangelho disporiam as suas casas antes da chegada do Mestre? Com que pormenores de carinho cuidamos do divino Hóspede?

Se falamos da Eucaristia, não nos estamos a afastar do tema da misericórdia, porque só um coração que sabe tratar Cristo e se esforça por amá-lo cada dia mais, será capaz de acolher o irmão que necessita de ajuda, trabalho ou, simplesmente, uma atenção especial. Se cuidamos da Comunhão, o Senhor fará que sejamos mais generosos, mais sensíveis ao sofrimento alheio, mais disponíveis para oferecer os nossos meios materiais, o nosso tempo ou possibilidades aos indigentes desses cuidados.

São Josemaria também sofreu a prova de quem tem de fugir e procurar refúgio. Por causa da perseguição religiosa, que se produziu em Espanha em 1936, teve que se refugiar, durante longos períodos de tempo, em diversos locais de Madri, em sótãos e quartos exíguos, em locais estranhos. Quando pensava que as pessoas que o tinham acolhido não o iam denunciar, revelava-lhes a sua condição de sacerdote, e –sem medo de pôr em perigo a sua vida– oferecia-lhes a participação nos sacramentos, como a Confissão ou a Eucaristia, verdadeiros consolos naqueles meses tão difíceis. Desse modo, entre o ódio e o medo próprios de um conflito, Cristo abria passagem uma vez mais no coração daquelas pessoas.

Antes de terminar este diálogo convosco, peçamos à Virgem e a São José, peregrinos em Belém e emigrantes no Egito, que nos ensinem a abrir a porta da nossa vida a esse Cristo que está pedindo a nossa generosidade naqueles que necessitam de ser acolhidos.

[Voltar ao índice](#)

* * *

¹ Mt, 25,35.

² Francisco, *Bula Misericordiae Vultus*, n. 15.

³ Francisco, *Homília em Lampedusa (Itália)*, 8 julho 2013.

SEPULTAR OS DEFUNTOS

A última obra de misericórdia corporal é enterrar os mortos. Voltemos de novo os olhos para Cristo que nos fala nos Evangelhos. Na sua Paixão, a crueldade dos homens nega o mais ínfimo gesto de misericórdia para com o Senhor, a quem vemos preso, sedento, doente, nu e rejeitado pelo seu povo.

No entanto, logo que Cristo morre na Cruz, descobrimos um gesto de misericórdia com o seu Corpo, dessa misericórdia que Deus semeou nos corações dos homens. Umhas mãos piedosas retiram o Senhor da Cruz, entregam-no a sua Mãe, envolvem-no num sudário limpo e enterram-no num sepulcro novo.

Muitas vezes pensei nesta passagem e entendo perfeitamente que os braços dignos para acolher o corpo de Cristo eram os da sua Mãe com uma vida tão pura e tão generosa com o seu filho e com todas as pessoas. Meditando esta cena, acende-se um raio de esperança nos nossos corações, quando compreendemos que os homens, que não soubemos acolher o Salvador no seu nascimento e o maltratamos na sua passagem pela terra, fomos capazes de Lhe oferecer, ao menos, uma digna sepultura.

São Josemaria narra assim este episódio: «Nicodemos e José de Arimateia — discípulos ocultos de Cristo — intercedem por Ele valendo-se dos altos cargos que ocupam. Na hora da soledade, do abandono total e do desprezo..., expõem-se *audacter*, audazmente! (Mc XV, 43). Valentia heroica!»

O fundador do Opus Dei prossegue a sua oração com estas palavras: «Eu subirei com eles até junto da Cruz, apertar-me-ei ao Corpo frio, cadáver de cristo, com o fogo do meu amor..., despregá-lo-ei com os meus desagrvos e mortificações..., envolvê-lo-ei com o lençol novo da minha vida limpa, e o enterrarei em meu peito de rocha viva, donde ninguém mo poderá arrancar — e aí, Senhor, descansai! Quando todo o mundo Vos abandonar e desprezar..., *serviam!*, os servirei, Señor»¹. eu Vos servirei, Senhor!”. Como ele próprio nos aconselhava, S. Josemaria vivia as cenas do Evangelho, metendo-se muito dentro como um personagem mais.

Cristo nasceu para morrer e assim nos salvar. Esta cena deve remover os nossos corações, pois a morte faz parte das nossas vidas e ajuda-nos a dar sentido ao tempo que passamos neste mundo. Na encíclica *Spe Salve* vemos que só Jesus Cristo «indica o caminho para além da morte; só quem é capaz de fazer tudo isto é um verdadeiro mestre de vida (...). O verdadeiro pastor é Aquele que conhece também o caminho que passa pelo vale da morte»².

Meus filhos e minhas filhas, amigos e amigas: saber morrer é tão importante como saber viver e nos dois casos podemos ser ajudados. O cristão há-de enfrentar esse momento – em si próprio ou nos outros – com esperança e serenidade. Por vezes, pode surgir a tentação de não falar sobre a morte diante de uma pessoa doente ou muito débil. Ao mesmo tempo, não deixemos de reconhecer que umas palavras de ajuda e de consolo podem ser uma carícia para a alma. Oferecer a Unção dos doentes não há-de ser motivo de angústia ou pesar; nesses momentos a graça de Deus apoia a alma de quem poderia enfrentar, com lógica inquietação, o desconhecido. Deixemos Deus atuar.

Uma e outra vez, os sacerdotes somos testemunhas de como a misericórdia do Senhor alivia os

moribundos quando se lhes administra esse sacramento. Nessas ocasiões, todas e todos rezemos com estes doentes, falemos-lhes com naturalidade do Céu, apoiemo-los com a nossa fé, e recordemos-lhes que não estarão sós, mas que na vida eterna os espera o Amor infinito de Deus.

Um dia de 1932, S. Josemaria acompanhava nos últimos momentos de vida um homem no Hospital Geral de Madrid. Aquela pessoa, perante a proximidade da morte, recordava todos os erros da sua vida; e as suas ofensas a Deus inquietavam a sua alma. O fundador do Opus Dei relatava assim essa cena anos mais tarde: «Dizia-me aos gritos, sem que pudesse fazê-lo calar: — Com esta minha boca apodrecida não posso beijar o Senhor. — Mas tu vais-Lhe dar um abraço — disse-lhe — e um beijo muito forte já a seguir, no Céu!»³. Aquele homem morreu em paz, apoiado também pela fé deste santo sacerdote, que soube estar ao seu lado no momento da prova final.

Dar sepultura aos mortos é uma tarefa que está cheia de possibilidades para fortalecer a fé dos vivos. Quem experimenta o falecimento de um ser próximo, agradecerá que o acompanhem com a nossa oração e serenidade; se temos que dizer palavras de pêsames, procuremos dar-lhes um tom sobrenatural, para que a nossa fé sirva de consolo a quem necessita. Talvez muitas pessoas careçam atualmente de uma amiga ou de um amigo que lhes recorde que Deus é um Pai, que se ocupa também dos que partiram.

Do mesmo modo, é muito próprio dos cristãos cuidar materialmente dos lugares onde repousam os defuntos, limpando os seus túmulos e colocando flores. Não se trata apenas de avivar a recordação e de rezar pelas suas almas, mas que estas atenções para com os falecidos demonstrem também respeito que mostramos para com os corpos. Acreditamos firmemente na ressurreição da carne e os lugares onde descansam os restos daqueles que conhecemos lembram-nos que voltarão à vida.

Quem rezou diante de um túmulo sabe que o amor não se apaga, mas que continua vivo. A fé dá-nos a certeza de que a misericórdia de Deus é capaz de ultrapassar de modo misterioso a barreira da morte. Que grande é o poder da misericórdia com que, graças à ressurreição de Jesus Cristo, podemos aumentar o nosso carinho para além dos confins desta vida!

Pensemos logicamente em Maria, a Mãe do Crucificado. Sobre o seu regaço descansou Cristo quando O descravaram da Cruz. Ela continuou a enchê-lo de cuidados, mesmo com o coração desfeito. «Ninguém como Maria – disse o Papa Francisco – conheceu a profundidade do mistério de Deus feito homem para nos salvar. Tudo na sua vida foi modelado pela presença da misericórdia feita carne. A Mãe do Crucificado Ressuscitado entrou no santuário da misericórdia divina porque participou intimamente no mistério do seu amor»⁴. Como nos convida o Santo Padre, imitemos a Virgem dolorosa no nosso serviço diário aos vivos e aos defuntos.

[Vóltar ao índice](#)

* * *

¹ São Josemaria, *Via Sacra*, XIV estação, n. 1.

² Bento XVI, *Encíclica Spes Salvi*, n. 6.

³ São Josemaria, *Via Sacra*, III estação, n. 3.

⁴ Francisco, *Bula Misericordiae Vultus*, n. 24.

OBRAS DE MISERICÓRDIA ESPIRITUAIS

ENSINAR AO QUE NÃO SABE DAR BOM CONSELHO

Entre as obras de misericórdia espirituais, detenho-me hoje nas duas primeiras: ensinar ao que não sabe e dar bom conselho. Ensinar é uma das tarefas mais bonitas que podemos realizar. Pensemos no trabalho educativo das mães, porque quanta paciência, alegria e generosidade demonstram na sua atenção aos filhos, para ajudá-los a atingir a maturidade humana e sobrenatural! O Papa Francisco disse que: «A mãe, antes de mais nada, ensina a caminhar na vida e sabe como orientar os filhos (...) Não o aprendeu nos livros, aprendeu-o antes no seu próprio coração»¹. Quero acrescentar que, ao mesmo tempo, também o pai de família tem que aprender todos os dias, com coração reto, a ser bom esposo, bom pai, gastando-se cotidianamente – como faz a sua esposa – para cuidar e aquecer o bom clima do lar.

O coração: esse é o segredo das obras de misericórdia, que movem a vontade e nascem da caridade, desse amor de Deus que pode chegar a outras pessoas através de ti, de mim. No Evangelho, escutamos estas palavras que Cristo dirige aos que O foram prender no horto das oliveiras: «Todos os dias me sentava a ensinar no Templo»². A sua vida pública, com efeito, tinha consistido sobretudo em ensinar-nos o caminho de filhos de Deus, em iluminar a nossa inteligência, em abrir-nos a via para chegar a Deus Pai, com a ajuda do Paráclito.

E nessa mesma linha, maravilha-nos a força do seu discurso da montanha, das parábolas que descrevem o reino dos céus e também os diálogos de Jesus com diferentes personagens: cenas em que o Mestre transmite a todos – também aos que agora caminham – modos diversos de percorrer os caminhos da salvação. Por isso, como salienta o Papa, «para sermos capazes de misericórdia, devemos em primeiro lugar colocar-nos à escuta da Palavra de Deus. Isto significa recuperar o valor do silêncio para meditar a Palavra que se nos dirige»³.

Só cumpre o ofício de bom mestre, e só pode aconselhar retamente os outros, quem estiver permanentemente disposto a aprender. Todos devemos abrir-nos com docilidade aos ensinamentos do Mestre se realmente desejamos ajudar o próximo com sinceridade. Por isso, ler o Evangelho com atenção e recolhimento – um costume que vos convido a praticar todos os dias, com uma leitura tranquila, repousada, meditando o que Deus nos prega – far-nos-á mais sensíveis para experimentar a misericórdia do seu Pai celestial e captar assim as inspirações do Espírito Santo. E então, quando tivermos que orientar ou dar um conselho a uma pessoa, brotará em nós a pergunta imediata: como Cristo faria? E atuaremos em consequência.

Em muitas ocasiões – em todas! – o bom exemplo será o melhor modo de ajudar os outros. São Josemaria recorda no seu livro *Sulco* que «Jesus começou a fazer e depois a ensinar: tu e eu temos que dar o testemunho do exemplo, porque não podemos levar uma dupla vida; não podemos ensinar o que não praticamos. Por outras palavras, temos de ensinar aquilo que, pelo menos, lutamos por praticar»⁴. Com efeito, a nossa luta, o nosso desejo de conversão, constituirá um estímulo para que outros se fixem no nosso empenho em viver a fidelidade cristã. Se queremos ajudá-los, temos que nos exigir primeiro

pessoalmente.

Por outro lado, dar um conselho oportuno para servir, implica um ato de generosidade, porque requer sair do próprio eu e colocar-se na situação do próximo, procurando compreendê-lo a fundo – sem esquecer as suas circunstâncias pessoais, com o fim de dar a sugestão certa. Sempre se tratará de um conselho de amizade e, com frequência, com intenção sobrenatural já que assim se poderá ajudar o outro e verá as coisas com um horizonte mais amplo, que é o de Deus.

Estas obras de misericórdia devem impulsionar-nos a mostrar generosamente a outros o caminho que conduz a Cristo. São Josemaria indicava que «o apostolado é como a respiração do cristão: não pode um filho de Deus viver sem esse palpar espiritual (...). O zelo pelas almas é um mandamento amoroso do Senhor, que (...) nos envia pelo orbe inteiro como suas testemunhas»⁵.

Muitas pessoas, talvez sem o saberem, esperam que lhes dê a conhecer a Cristo. Realmente sem Ele não há verdadeira felicidade! Esperemos que as graças deste Ano da misericórdia nos ajudem a superar os obstáculos que às vezes nos detêm para fazer apostolado: são os respeitos humanos, a preguiça, ou simplesmente o pensamento de que se trata de uma tarefa impossível. Convidemos, no entanto, aqueles com quem convivemos na nossa vida corrente a olhar para o rosto do Senhor, mostremos – insisto – os seus ensinamentos com a nossa vida, expliquemos a doutrina da Igreja quando for necessário e, comportemo-nos sempre de modo coerente com a nossa fé. Deste modo, tornaremos atrativo um estilo de vida de acordo com o Evangelho.

Como indicava São Josemaria: «Temos que conduzir-nos de tal maneira que, ao ver-nos, os outros possam dizer: este é cristão porque não odeia, porque sabe compreender, por que não é fanático, porque está acima dos instintos, porque é sacrificado, porque manifesta sentimentos de paz, porque ama»⁶.

Assim atuou sempre o fundador do Opus Dei. A sua vida consistiu principalmente em transmitir aos que encontrava, o espírito que tinha recebido de Deus. Foi testemunha do seu zelo por nos deixar claro, até nos mais pequenos detalhes, como seguir a Cristo santificando a vida corrente. Fazia-o com coração materno e paterno: servindo-se de detalhes correntes, arrastando-nos com o seu exemplo, recordando-nos cada coisa com paciência e também com energia, quantas vezes fosse necessário.

Sugiro que, neste Ano da misericórdia, leiam alguma das biografias que relatam diversos episódios da vida de São Josemaria, ainda que já tenham lido antes. Os seus ensinamentos surgem diretamente do Evangelho, e transmitem, como diz o Senhor, coisas velhas e coisas novas, que nos oferecem sempre a capacidade de dar também um impulso à nossa própria vida espiritual. Ao ler essas biografias ou os seus escritos, o Senhor nos ajudará a descobrir, para a nossa conduta pessoal, aspetos estupendos, atrativos, do espírito cristão que poderemos transmitir aos outros.

São Josemaria definia o Opus Dei como «a história das misericórdias de Deus»⁷, já que sempre experimentou, nesse colocar em prática a vontade divina, a incomparável proximidade do Senhor. Essa história graças a Deus não se deteve, antes continua hoje nos afazeres de muitos homens e mulheres que se esforçam por assimilar esse modo de viver e de seguir Cristo, sentindo-se os últimos, os servidores.

Realmente, não é uma grande manifestação da misericórdia divina a possibilidade de encontrar a Deus nas ocupações de cada dia? Não manifesta uma carícia do Senhor que possamos colaborar com Ele na grandiosa aventura de levar os frutos da Redenção a todas as encruzilhadas do mundo com a nossa vida corrente?

* * *

- 1 Francisco, *Audiência*, 18 setembro 2013
- 2 *Mt*, 26,55.
- 3 Francisco, *Bula Misericordiae Vultus*, n. 13.
- 4 São Josemaria, *Sulco*, n. 694.
- 5 São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 122.
- 6 *Ibid.*
- 7 São Josemaria, *Notas de uma meditação*, 11 abril 1952, AGP, serie A4.

CORRIGIR OS QUE ERRAM

A história da salvação mostra-nos uma alternância contínua do amor misericordioso de Deus e a debilidade dos homens. Como uma mãe segue pela casa o seu filho mais novo, evitando perigos ou que se machuque, assim Deus guiou a humanidade ao longo dos séculos. Cada um de nós pôde experimentar na sua própria vida essa orientação, essa mão próxima da Providência divina. E por isso, quantas quedas ou erros no nosso caminhar se converteram em ocasiões de encontro com o Senhor!

Corrigir os que erram é uma obra de misericórdia que o Senhor exercitou constantemente, como lemos nos relatos bíblicos, cada vez que os homens se empenhavam – e podemos dizer, nos empenhamos – em empreender o caminho do mal. A história do Povo eleito é uma clara manifestação deste cuidado divino. Em muitas situações, Javé poderia ter soltado a sua mão, mas sempre – também às vezes com castigos e outras com advertências dos profetas – voltava a atraí-los para Si, reencaminhando-os pelas vias da salvação.

Com a encarnação do Verbo, a misericórdia de Deus tomou um rosto humano: o de Jesus. Deus irmanou-se conosco para nos procurar um a um, nas nossas circunstâncias, com as nossas características, com os muitos ou poucos talentos que possuamos. No Evangelho, vemos que Jesus Cristo não deixa de repreender, de corrigir, aqueles que deseja levar pelo caminho reto; não só os fariseus que recusavam a Sua mensagem, mas também os seus amigos: Pedro, mesmo com dureza, quando o Apóstolo lhe insinua que deve evitar a Paixão; ou a Marta, em Betânia, com doçura, por se preocupar em excesso com as tarefas da casa. O Senhor sabia utilizar o tom e a linguagem que mais convinha a cada pessoa.

Seguindo o exemplo do Senhor, recordemos que a correção fraterna praticada com retidão, sem humilhar, foi uma ajuda na Igreja desde os começos. «Irmãos – escreveu São Paulo aos Gálatas se alguém for surpreendido numa falta, vós, que sois animados pelo Espírito, admoestai-o em espírito de mansidão. E tem cuidado de ti mesmo, para que não caias também em tentação!»¹. O Apóstolo não indica outra coisa diferente senão o mandato de Jesus: «Se o teu irmão peca contra ti, vai e corrige-o a sós, tu com ele. Se te escuta, terás ganho o teu irmão»².

Portanto, a correção fraterna constitui um dever de todos os cristãos. Quando alguém nos faz uma advertência para o nosso bem, temos de ver nisso uma manifestação da misericórdia divina, que emprega instrumentos humanos com o fim de nos guiar pelo caminho do bem. Num primeiro momento, talvez seja amarga, pouco agradável. O orgulho pode-nos impulsionar a revoltar-nos, a procurar desculpas que são sempre fáceis de encontrar. No entanto, se se considera essa advertência na presença de Deus, surgirá o agradecimento sincero porque alguém se deu ao trabalho de nos chamar a atenção para um erro que não tínhamos percebido.

Não subestimemos aqui o poder da misericórdia, já que uma correção fraterna aceita com humildade, pode consolidar uma relação, reforçar uma amizade, evitar futuras complicações ou ser o ponto de partida de uma nova etapa na vida.

Há anos, o Papa Bento XVI – a quem devemos estar muito agradecidos – referiu-se amplamente a esta

manifestação da caridade. «Hoje somos geralmente muito sensíveis – dizia – ao aspeto do cuidado e da caridade em relação ao bem físico e material dos outros, mas quase não se fala da responsabilidade espiritual pelos irmãos». E acrescentava: «Não devemos ficar calados diante do mal. Penso aqui na atitude daqueles cristãos que preferem, por respeito humano ou mera comodidade, adequar-se à mentalidade comum em vez de alertar os próprios irmãos contra modos de pensar e agir que contradizem a verdade e não seguem o caminho do bem»³.

Por isso, digo a todos e o digo a mim, ao ajudar com a correção fraterna, é preciso guiar-se pela caridade e pela prudência, procurando o momento oportuno e o modo mais adequado de falar, para não ferir desnecessariamente essa irmã ou esse irmão nosso. O próprio São Paulo animava os Gálatas a corrigirem-se «com doçura». Então, para fazer bem uma correção fraterna o melhor será pensar sobre esse modo de ajudar na presença de Deus, rogando ao Espírito Santo que ponha na nossa boca as palavras oportunas, com plena retidão de intenção.

Pode surgir a tentação de pensar que essa advertência cairá em ouvidos surdos, ou que essa pessoa não lutará para mudar, ou que os seus problemas não nos afetam.. E não é assim. Os que estão na Igreja formam um corpo unido e os erros dos outros, sem nos escandalizarmos e sem juízo crítico, devem despertar em nós sentimentos de misericórdia e necessidade de ajudar com caridade.

Quando se corrige, é necessário também contar com o tempo: a graça intervém de modo efetivo, mas as pessoas necessitam – necessitamos – de tempo para conseguir a mudança oportuna. Recordemos que o apóstolo Pedro não aceitou que Cristo fosse para a morte, nem sequer depois do Mestre ter anunciado, e fê-lo expressamente e com energia. Foi preciso que o visse preso para colocar na sua alma que aquele sacrifício era a Vontade de Deus.

Talvez também nos aconteça que, depois de ter corrigido alguém, a sua atitude não mude e persista no erro. Nesses casos, rezemos por essa pessoa, já que a oração é o primeiro modo de ajudar. Uma vez plantada a semente da misericórdia, há que regá-la com oração, com paciência e carinho humano, e assim essa semente germinará e dará fruto.

Consideremos, além disso, que com a prática da correção fraterna se combatem eficazmente os falatórios e os comentários irônicos, que causam tanto dano nas relações familiares e sociais. Este pode ser um bom propósito para o Jubileu da misericórdia: evitar até a menor crítica aos nossos familiares ou amigos, aos superiores e aos que dependem de nós, a conhecidos e desconhecidos. Pode parecer-nos difícil, pois ao longo do dia talvez se apresentem numerosos atritos e mal entendidos; mas, se nos esforçarmos, com a ajuda e a fortaleza de Deus, seremos semeadores de uma serenidade que traz quem evita o confronto e propõe soluções positivas.

Ajude-mo-nos, pois mutuamente com o bálsamo da misericórdia. Ninguém conseguirá a felicidade se a procura sozinho. Não sejamos alheios às lutas dos outros e peçamos ao Senhor a simplicidade de coração para aceitar as correções com humildade e agradecimento, quando nos façam; e para ajudar, corrigir com afeto e compreensão aqueles a quem tenhamos que prestar essa ajuda.

[Voltar ao índice](#)

* * *

¹ Gal, 6,1.

2 *Mt, 18,15.*

3 Bento XVI, *Mensagem para a Quaresma*, 2012.

PERDOAR QUEM NOS OFENDE

Uma das obras de misericórdia de que o mundo mais necessita – agora e sempre – consiste em perdoar quem nos ofende. «Que difícil pode nos parecer muitas vezes perdoar! – salientou o Santo Padre. E, no entanto, o perdão é o instrumento posto nas nossas frágeis mãos para alcançar a serenidade do coração. Deixar cair o rancor, a raiva, a violência e a vingança são condições necessárias para viver felizes»¹.

Este *viver felizes* surge diante de nós como um desejo de todos os seres humanos. Mas ninguém pode alcançar a felicidade por conta própria, de costas para Deus e para os outros. Com alguma frequência, talvez cresça a sensação de que aqueles que nos rodeiam são um obstáculo: porque nos ofendem; porque nos maltratam; porque nos causam dor física ou moral... males que o próprio Jesus Cristo experimentou, crucificado por aqueles a quem veio trazer a salvação.

O Senhor, rosto visível da misericórdia do Pai, perdoou sem dar lugar ao ressentimento: «Pai, perdoai-me porque não sabem o que fazem»², rezou enquanto estava pendurado no lenho da Cruz. Desse modo, quebrou decididamente o círculo vicioso do ódio que apenas gera mais ódio, do círculo da vingança, do rancor; e fez com que dessa cruz emanasse uma fonte de misericórdia capaz de mudar a história de cada mulher e de cada homem.

A Cruz do Senhor ajuda-nos a compreender que todos necessitamos de perdão: de perdoar e de ser perdoados. Quem não assimila esta realidade torna-se incapaz de compreender a profundidade do amor que o une a outra pessoa ou a Deus.

Vamos rever a parábola do filho pródigo. O jovem, cego pela inexperiência e orgulho, afastou-se da casa paterna e desperdiçou tudo o que tinha recebido. Regressou à casa porque teria sentido muito de perto, em outros momentos, a misericórdia paterna, a sua compreensão, e sabia de sobra também que não seria rejeitado. Ao reencontrar o pai, este entregou-lhe, com um abraço, o seu maior dom: o perdão. E procedeu assim sem o humilhar, sem lhe recordar, nem por um instante, as suas anteriores advertências e conselhos. Só então o jovem chegou a compreender o verdadeiro tesouro do amor paterno que tinha ignorado e deixado para trás, e que, felizmente, ao regressar contrito, tinha recuperado.

Cada um de nós também necessita recorrer com frequência ao sacramento do perdão, para entender, de alguma maneira, a profundidade do amor divino. «Deus não se cansa de perdoar – recorda o Papa – somos nós que nos cansamos de pedir perdão»³. Com efeito, infelizmente, alimentamos mesmo a determinação de nos acostarmos à frieza do pecado. Por isso, se já nos beneficiamos deste sacramento, temos de agir com as melhores disposições ao nosso alcance, recorrendo a ele com maior frequência ou nos preparando melhor. Para conseguir, temos de nos lançar nos braços misericordiosos de Deus, eliminemos radicalmente os preconceitos e as desculpas que nos impedem de perceber na alma essa carícia da compreensão do Senhor. Por acaso não recordamos a felicidade experimentada na última vez que nos reconciliamos com uma pessoa? O pedido de perdão não é um gesto humano capaz de “pôr rosto” a esse Deus, que tantas vezes afastamos da nossa vida e cuja bondade esquecemos?

Muitos cristãos desconhecem a beleza da Confissão. Convençamo-nos, este sacramento não passou nem

nunca passará de moda. Possui e possuirá um poder sempre atual. Mais ainda, é um sacramento que abre a nossa vida ao futuro, porque nos devolve a esperança. Rezemos, portanto para que o Ano Jubilar da Misericórdia permita a tantos cristãos recuperar o caminho de regresso à casa paterna.

Talvez alguém possa pensar que, para se confessar, é preciso uma preparação prévia muito complexa, e não é assim; basta desejar a graça, fazer um bom exame de consciência – talvez com a ajuda de um roteiro ou com a colaboração de uma pessoa competente – e depois, confiadamente, ir ao sacerdote. Não devemos nos esquecer que foram os sofrimentos interiores e exteriores, o conhecimento da própria miséria e a recordação do amor paterno, o que moveu interiormente o filho pródigo a pôr-se a caminho. Numa situação semelhante se encontram muitas pessoas à nossa volta: só necessitam de alguém que os acompanhe nessa viagem de regresso à casa do Pai.

Por outro lado, assim como Deus absolve, também nós devemos saber perdoar quantas vezes for necessário na vida cotidiana. Pode suceder que talvez por causa de mal-entendidos, diferenças de caráter, divergências políticas ou culturais, ou questões de outro tipo, alguns homens e mulheres arrastem durante anos a recordação de ofensas causadas por amigos ou por terceiros. Infelizmente, com uma disposição desse gênero na alma, os conflitos podem prolongar-se no tempo, sem que nenhum dê o braço a torcer.

Imersos em pleno, como estamos, no Ano Misericórdia, não descobrimos este tempo como ocasião magnífica para oferecer a nossa reconciliação, ainda que tenhamos sido nós os ofendidos? O Senhor dá sempre o primeiro passo para nos perdoar, embora não mereçamos a sua graça; não nos decidimos a seguir o exemplo do Mestre? «Esforça-te, se for preciso, por perdoar sempre aos que te ofendem, desde o primeiro instante, já que, por maior que seja o prejuízo ou a ofensa que te façam, mais te tem perdoado Deus a ti»⁴- escreveu São Josemaria.

Desejemos vivamente que a decisão de perdoar e de pedir perdão se converta numa atitude habitual em nós, em cada família, entre os amigos. Pensemos que, sem a disposição de perdoar, todos os cenários em que nos movemos – também a própria família – se convertem em ambientes desoladores, egoístas, tristes, que envenenam as almas ou as entristecem. A lição de Jesus Cristo é bem precisa: amar sem descanso, também aquele que nos fere.

Portanto, se os outros correspondem ao nosso perdão, demos graças a Deus; mas se não obtemos essa resposta que desejaríamos, não desanimemos, porque a misericórdia é gratuita, nada espera em troca. Jesus Cristo morreu rezando pelos que O crucificavam e O ofendiam. A sua morte redentora fez possível que o véu do ódio caísse dos olhos das almas. E só então, ao contemplar como Jesus Cristo expirou, o centurião que estava junto à Cruz pronunciou este formoso ato de fé: «Verdadeiramente este homem era Filho de Deus»⁵.

Se os cristãos perdoarem prontamente as ofensas recebidas, com alegria e simplicidade de coração, muitos se sentirão atraídos pelo amor dos filhos de Deus e chegarão a encontrar o Pai bom que deseja abraçar a todos com a sua misericórdia.

[Voltar ao índice](#)

* * *

2 *Lc*, 23,34.

3 Francisco, *Angelus*, 17 março 2013.

4 São Josemaria, *Caminho*, n. 452.

5 *Mc*, 15,39.

CONSOLAR OS TRISTES

No dia seguinte ao sábado, Maria Madalena foi, cheia de dor e de amor, ao túmulo do Mestre, para ungir o Crucificado. É um acontecimento que lemos nos Evangelhos com verdadeira alegria, porque sabemos que ali, junto ao sepulcro, encontrará o próprio Jesus Cristo ressuscitado, com Corpo glorioso. O Senhor, nesse encontro, querendo revelar-Se, chamou a Madalena pelo seu nome: Maria! Ela reconheceu-O logo e exclamou: *¡Rabboni!*, Mestre! Maria não pode, nem quer conter esse grito de alegria ao ter a certeza de que o Senhor está vivo. Nesse instante, as trevas da alma dessa mulher desapareceram; a tristeza deu lugar a uma alegria incontível. O Senhor deixa-Se reconhecer por uma mulher de fé.

Quis recordar este episódio para que descubramos que, na primeira ação que Cristo Ressuscitado realiza, leva a cabo a obra de misericórdia que hoje nos ocupa: consolar os tristes.

Efetivamente, os filhos de Deus estão feitos para gozar do Bem. Mas podemos tropeçar no nosso caminhar com a dor porque escolhemos o pecado, triste e livremente, ou porque a Providência de Deus permite o sofrimento para que nos unamos à sua Cruz, como pede no Evangelho. Faz parte do mistério do homem este coexistir cotidiano com o mal, uma realidade que não nos deveria desanimar, mas conduzir-nos a aumentar a esperança no Senhor e o desejo de recorrer a Ele, confiados em que a dor e o sofrimento não escapam aos seus desígnios cheios de amor, como tampouco cai fora da Sua providência o convite a que nos arrependamos e a recomeçar quando erramos.

Pode acontecer, talvez, que quem experimenta o mal tenda a isolar-se, pensando ser capaz de ultrapassar essa carga sem a ajuda de ninguém. Com este estratagema, o diabo vai nos separando de Deus e dos nossos irmãos – fazendo-nos ver à nossa volta só incompreensão e inimizade – oferecendo-nos em troca uns consolos falsos que, no fim, deixam unicamente poços de amargura. Sozinha estava Eva no Paraíso quando se atreveu a dialogar com o Tentador, bem como sozinho estava Judas quando se desesperou na noite da Paixão. Com clara razão, conclui São Paulo na sua carta aos Coríntios, que «a tristeza do mundo produz a morte»¹.

As contradições fazem parte da vida, mas que mal faríamos se as enfrentássemos exclusivamente por nossa conta! Com essa luta, pode surgir a tristeza e a tristeza arrasta consigo o pessimismo, afastando-nos assim de Deus e dos nossos irmãos. «O abismo chama o abismo»², diz a Sagrada Escritura. Nesses momentos, necessitamos de mãos que nos impeçam de continuar a cair.

A quem atravessava esse mau momento, São Josemaria aconselhava que procurasse, em primeiro lugar, consolo na oração e no Sacrário, pois de Deus procede toda a misericórdia. «Para pôr remédio à tua tristeza – escreveu em *Caminho*– pedes-me um conselho. Vou dar-te uma receita que vem de boas mãos: do Apóstolo São Tiago. *Tristatur aliquis vestrum?*– Estás triste, meu filho? - *Oret!* - Faz oração! – Experimenta e verás»³.

O fundador do Opus Dei recorria ao Céu quando lhe custava aceitar uma situação dura, por exemplo a morte de uma pessoa próxima, de um familiar ou de um amigo. Embora sofresse a lógica dor de pai – de filho, de irmão, de amigo – não se abandonava à tristeza, mas rezava assim: «Faça-se, cumpra-se, seja

louvada e eternamente glorificada a justíssima e amabilíssima Vontade de Deus sobre todas as coisas. – Amém. Amém»⁴. E repetia duas vezes a palavra *amém* para reforçar com vigor a sua adesão à Vontade Divina, ainda que lhe custasse ou não compreendesse o porquê. Recordo muito vivamente como São Josemaria encontrava grande consolo nessa oração para continuar a caminhar.

Ao mesmo tempo, em tantas ocasiões, a ajuda de Deus chegará até nós por intermédio de outras pessoas: amigos, companheiros, familiares ou mesmo desconhecidos. Eles nos consolarão ou nós lhes daremos consolo abrindo, assim, um caminho para que Deus, com a Sua misericórdia, suavize as dificuldades e pesares que todos enfrentamos no nosso caminhar terreno.

Consolar não é tarefa fácil, mas requer muito tato, porque a alma de quem sofre encontra-se, por assim dizer, em carne viva, muito desgostosa. Uma palavra a mais ou a menos pode curar ou pode ferir. Algumas vezes a nossa presença será suficiente; em outros momentos, será preciso dizer algo que transmita esperança e que ajude a considerar uma situação com outra perspectiva.

Aconselho-vos que, para consolar devidamente, peça ajuda aos anjos da guarda. Deus Pai enviou um anjo para consolar Jesus Cristo no horto das oliveiras, no momento de intensíssimo sofrimento na vida do Nosso Salvador. Com essa cena, que tantas vezes pode alimentar a nossa oração, torna-se patente que consolar é, minhas filhas e meus filhos, minhas irmãs e meus irmãos, uma ação divina. Esse consolo na agonia de Cristo torna patente o Amor de Deus, a assistência do Espírito Santo, o grande Consolador.

Recordareis que São Josemaria – seguindo a tradição da Igreja – afirmava que nós, os homens e as mulheres, quando estamos na graça de Deus, somos Templos da Trindade. Consequentemente, ao exercer ou aceitar um ato de misericórdia, estamos manifestando ao mundo esse fluxo de amor que parte do Pai, acolhe o Filho e revela o Espírito Santo: algo tão importante que, pela bondade do Senhor, pode levar-se a cabo em gestos tão triviais como uma carícia, umas palavras de consolo, um tempo de escuta paciente, um estar calado ou acompanhando em oração uma pessoa que sofre.

Nessa mesma cena do horto de Getsemani, revela-se a nós uma das dificuldades que esta obra de misericórdia apresenta: a de não ser capaz de descobrir o sofrimento do nosso próximo. Com efeito, a pouca distância de Nosso Senhor, os Apóstolos dormiam alheios à dor que invadia o seu Mestre. Vejamo-nos refletidos no seu torpor. Dormimos quando estamos ensimesmados com os nossos problemas, quando a pressa nos impede pararmos para escutar, quando não damos importância aos sinais de tristeza que mostra um familiar ou um amigo, quando queremos dar um conselho sem ter escutado antes, quando limitamos a nossa paciência e afundamos quem se enganou...

Termino com uma linda oração de louvor que São Paulo transmitiu aos seus irmãos de Corinto e que resume o núcleo da obra de misericórdia que hoje comentamos. Diz assim: «Bendito seja Deus, o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, Pai das misericórdias e de todo o consolo, que nos consola em todas as nossas tribulações, para que nós possamos dar aos que sofrem o mesmo consolo que recebemos de Deus»⁵. Amém.

[Voltar ao índice](#)

* * *

2 *Sal*, 42:8.

3 São Josemaria, *Caminho*, n. 663.

4 São Josemaria, *Caminho*, n. 691.

5 *2 Cor*, 1,3.

SOFRER COM PACIÊNCIA AS FRAQUEZAS DO NOSSO PRÓXIMO

Ao longo deste ano, estamos buscando que a misericórdia de Deus marque a nossa vida interior e se traduza em obras. Como dizia São Josemaria, é nas situações normais onde se forja a atmosfera certa tornar presente a bondade de Deus: ou O encontramos aí ou nunca O encontraremos.

Assim, a convivência com os outros e o lugar do trabalho ou familiar se transformam em ocasiões para nos identificarmos com Ele e com a alavanca amor, levantar o mundo para Deus. Neste sentido, é muito oportuno examinar o modo como vivemos a obra de misericórdia que consideramos este mês: sofrer e amar com paciência os defeitos do próximo.

Amor e sofrimento são duas realidades difíceis de separar. Quem não tem sofrido por amor de um cônjuge, um filho ou um amigo? Às vezes, esta combinação única pode ser um mistério, mas Jesus da cruz nos mostra que esse foi o caminho percorrido pelo mesmo Deus. Conscientes de que o Senhor sabe mais, quando nos deparamos com este mistério no meio da vida cotidiana, olhemos para a Cruz que será uma fonte de paz.

O fundador do Opus Dei sempre aconselhou que levássemos um crucifixo no bolso, ou vamos colocá-la na nossa mesa, ao lado da fotografia de entes queridos. Assim, beijando-o ou dirigindo algumas palavras ao Crucificado, será mais fácil aceitar as contrariedades do dia, lidar com as nossas derrotas sem desanimar ou superar as divergências inevitáveis com os outros. São Josemaria acrescentava que não devemos "suportar" o próximo, mas amá-lo para percorrer o seu caminho cotidiano com ele.

Perder o medo da cruz, amá-la, abraçá-la sem medo quando chega na vida diária ou em circunstâncias extraordinárias, aumentará o nosso coração e, assim, vamos acolher os outros quando eles mais necessitarem. Deste modo nos prepararemos para nos apresentarmos diante do Deus que nos compreende e nos espera no céu, pronto para derramar Seu infinito amor em nossa pobre alma.

São Paulo descrevia com estas palavras as características de um amor purificado: «A caridade é paciente, a caridade é bondosa. Não tem inveja. A caridade não é orgulhosa. Não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor...»¹.

Amigos e amigas, se desejamos seriamente o bem dos outros, entenderemos que perante irmão fraco não há espaço para a pressa, a crítica ou a impaciência. Mas, apesar de querermos moldar o próximo de acordo com o nosso gosto, e podermos facilmente nos irritar com a sua persistência nos mesmos defeitos, não é verdade que Deus teve e tem mais paciência conosco?

Durante a transfiguração, enquanto o Senhor se alegrava com o Pai e o Espírito Santo, os nove discípulos que esperavam ao pé da montanha, tentaram em vão curar um menino epilético. Sua falta de fé fez com que fossem incapazes de aliviar o menino, que se jogava na água e fogo para fazer mal a si mesmo. Jesus Cristo, ao ser informado do fracasso de seus discípulos, reagiu com uma certa nota de desilusão, em que, talvez, reconhecemos a nossa própria decepção ou distanciamento em relação aos defeitos dos outros. «Até quando vou ficar convosco? Até quando vou suportar-vos?»² - exclamou o Redentor.

No entanto, como Jesus veio à Terra para redimir os homens, com grande paciência para com todos, curou o menino e explicou aos seus discípulos a fonte do seu fracasso: «Se tiverdes fé (...) Nada vos será impossível.»³. O amor profundo do Senhor pelos homens, é a força que O move para nos salvar, para nos dar o seu perdão uma e outra vez, para considerar a dignidade de filhos de Deus, que Ele mereceu para nós, e que está escondida sob as nossas misérias.

Seguindo os passos de Cristo, não nos afastemos ante os defeitos do próximo e, sem nos sentirmos vítimas, compreendamos que não se trata de *suportá-lo*, mas aceitá-lo com humildade. Olhemos para os outros com olhos benignos com que Deus os vê e nos vê, não com os nossos. Se facilmente surge a crítica interna ou pensamos que somos incapazes de lidar por mais tempo com o caráter de esta ou aquela pessoa, façamos melhor o nosso exame de consciência pessoal. Quem não se conhece bem, que não busca a humildade, tende a ser intransigente com os outros. Sobre isso, Santo Agostinho escreveu que «É melhor um pecador humilde que um beato orgulhoso»⁴.

Lembro que São Josemaria costumava se recolher diante do Sacrário por alguns minutos, também no final do dia, antes de dormir, para fazer o balanço do seu dia. Esses momentos diante do Senhor o ajudavam a lembrar os momentos em que poderia ter-se dado mais aos outros, e pedia perdão a Deus, e ajuda para melhorar no dia seguinte. Só quem conhece a sua própria fraqueza, e riu um pouco da sua pouquidão, descubra o quanto precisa de Deus e da compreensão dos irmãos.

Apenas uma alma paciente e humilde, consciente das suas limitações, é capaz de se abrir para quem precisa de uma mão, de um conselho ou de um sorriso que expressa uma compreensão sincera. Se consegue pouco, no entanto, com o confronto ou com frases carregadas ou cinismo ou despeito.

São Josemaria dava este conselho aos casais: «Procurem ser sempre “jovens”, conservem-se completamente um para o outro que vocês cheguem a se amar tanto que amem os defeitos do cônjuge, se não forem ofensa a Deus»⁵. Amar os defeitos do cônjuge, ou de uma amiga, ou de um amigo, é possível quando o amor é maduro. E esta atitude não implica aceitar estoicamente os defeitos dos outros. Desejamos o bem dos outros, e portanto procuraremos ajudá-los a eliminar estas faltas, como podem ser o caráter colérico ou apático, a desordem, a sensualidade, a preguiça, o ativismo, a falta de pontualidade, o desperdício, etc.

Estas imperfeições são cruces que cada um de nós carrega durante muitos anos, talvez de modo permanente não acrescentemos mais peso á cruz que cada um suporta: a paciência com o próximo será para muitos este Cireneu que alivia a luta diária e que nos ajuda a nos identificarmos com este Cristo que caminha para o Calvário, levando a Cruz por nós.

Peçamos à Virgem Maria que nos ensine a ser pacientes. Ela soube acolher os apóstolos que tinham abandonado o seu Filho e acompanhou maternalmente a Igreja nos seus primeiros passos. Tenhamos certeza de que Maria caminha conosco, ajudando-nos a encher de compreensão misericordiosa as relações entre os homens.

[Voltar ao índice](#)

* * *

¹ 1 Co, 13,4-6.

- 2 *Mt*, 17,17.
- 3 *Mt*, 17,20.
- 4 Santo Agostinho, *Sermão 170*, 7,7.
- 5 São Josemaria, *Anotações tomados em uma tertúlia*, 18 novembro 1972, e publicados em *Romana*, dezembro 2004, n. 39, p. 180.

REZAR PELOS VIVOS E PELOS DEFUNTOS

«Sem Mim nada podeis fazer»¹. Estas palavras que Jesus dirige aos seus discípulos - a você e a mim – revelam-nos que, sem o nosso Pai Deus, sem a Sua ajuda, os nossos esforços para viver a misericórdia serão em vão; ao mesmo tempo, Ele nos confia que, pelo seu interesse pelos homens e pelas mulheres, deseja acompanhar-nos sempre se agirmos com retidão. Por isso, chegados ao final deste ano jubilar, vamos nos colocar novamente em suas mãos e voltar a confiar-Lhe os propósitos que converterão a nossa vida corrente num tempo de misericórdia.

A última obra de misericórdia que nos propõe é Rezar por vivos e defuntos. Com a oração pelo próximo, em primeiro lugar reconhecemos com humildade que todo o bem procede unicamente de Deus e, por isso, a Ele nos dirigimos; além disso, obtemos para as almas a proteção divina; e, finalmente, reforçamos os laços sobrenaturais que nos unem aos outros, também àqueles que gozam já da presença de Deus.

Essa necessidade de nos apoiarmos mutuamente com a oração – tanto pelos vivos como por aqueles que já deixaram este mundo, mas que continuam a fazer parte da família cristã – tem todo o sabor da Igreja primitiva. «Rezai uns pelos outros, para que vos cureis: muito pode a oração insistente do justo»², diz o apóstolo São Tiago. «Damos graças a Deus por todos vós que temos presentes em nossas orações»³, diz Paulo aos Tessalonicenses. «Se alguém vê que um irmão comete um pecado que não é de morte, reze e Deus lhe dará a vida»⁴, adverte São João. Depois de ouvir isto, perguntemo-nos, amigos e amigas, se apoiamos assim os nossos colegas de trabalho, a nossa família, os vizinhos do bairro, as pessoas da paróquia a que pertencemos. Se alguém passa por uma dificuldade, nós o apoiamos com as nossas orações, ainda que o interessado nunca o chegue a saber?

Ajudar-se com a oração é uma obra de misericórdia que, por querer de Deus, impregna a História da Igreja, desde as suas origens até aos nossos dias. Atualmente, o Papa pede-nos que rezemos com intensidade pelos cristãos perseguidos, nossos irmãos decididos a perder tudo para conservar a fé. De igual maneira, convidou-nos a orar pelos imigrantes que arriscam as suas vidas procurando um futuro em outros países, ou por aqueles que carecem de emprego, também pelos idosos que vivem sós, e por muitas outras pessoas necessitadas do calor da comunhão dos santos.

A oração pelo próximo vai nos impulsionar a evitar o individualismo egoísta que conduz tantos a encerrar-se numa vida cômoda e aparentemente segura, atenta exclusivamente às suas necessidades pessoais, mas insensível à dor alheia. São Josemaria indicava que «Temos que reconhecer Cristo que nos sai ao encontro nos nossos irmãos, os homens. Nenhuma vida humana é uma vida isolada, mas entrelaça-se com as outras vidas. Nenhuma pessoa é um verso solto: fazemos todos parte de um mesmo poema divino»⁵. Portanto, em uma sociedade em que parecem desfazer-se pouco a pouco os laços que a mantinham coesa – e não é pessimista esta afirmação – a oração cotidiana será um motivo poderoso de unidade e fortalecimento.

Os dramas humanos que mencionei unem-se às dificuldades ou às oportunidades com que cada pessoa tropeça em sua existência pessoal ou em sua existência familiar. Por isso, que evangélico é carregar com

generosidade sobre a nossa alma os bons desejos e as dificuldades dos outros! E já que nos propomos a ser cristãmente solidários, convençamo-nos de que quando um batizado reza, já está atuando. Quando suplicamos a intercessão de Deus, Ele ouve-nos e intervém. Não permanece indiferente. Acreditemos, seriamente, que podemos mudar a história do próximo, de uma família ou de uma comunidade com a força de nossa própria oração. Por vezes, talvez, não veremos os resultados, ou a evolução de uma história não será aquela que tínhamos imaginado, pois estamos bem conscientes de que o Senhor marca outros caminhos, sempre misericordiosos, sempre surpreendentes. Mas, sonhemos! Oremos por aqueles que não nos dão mais esperança; peçamos o que está fora do nosso alcance; não ponhamos limite à misericórdia de Deus.

Na reflexão sobre a obra de misericórdia Sepulturar os defuntos, consideramos, com segurança, que a misericórdia é capaz de atravessar a barreira da morte e de beneficiar mesmo aqueles que aguardam o prêmio eterno. As orações pelos defuntos possuem essa capacidade de transferir o nosso amor para quem entregou a sua alma a Deus. São Josemaria fazia-nos notar como a morte do filho da viúva de Naim comoveu profundamente Jesus Cristo, que reagiu recuperando-o para a vida. Explicava-o com estas palavras: «São Lucas diz: *misericórdia motus super eam*, [Jesus Cristo] moveu-se por compaixão, com misericórdia por aquela mulher»⁶. Aprendamos com essa cena: porventura não pode a nossa oração comover de novo o Senhor para que, pela sua misericórdia, conceda a verdadeira Vida aos que nos precederam?

* * *

O ano jubilar que agora termina não deve constituir unicamente um evento a mais no calendário, mas tem de nos estimular para o futuro e renovar em nós desejos firmes de santidade. Pergunto-me e pergunto-te, com confiança, com amizade: este tempo deixou uma marca em tua alma? Descobriste Deus como Pai Misericordioso? Conheces agora com mais profundidade o interior do Senhor, o seu interesse por cada um, por cada uma?

Recordemos que, como disse o Santo Padre, «não é suficiente ter experimentado a misericórdia de Deus na nossa vida», mas que com os outros «devemos ser Seu sinal e instrumento através de pequenos gestos concretos»⁷. Por isso, as catorze obras sobre as quais meditamos juntos durante estes meses convidam-nos permanentemente a plantar a semente da “primeira evangelização” em tantos corações que desconhecem ainda Jesus Cristo ou que se afastaram d’Ele. Ao calor desse nosso afeto e com a ajuda da graça, muitas almas, talvez endurecidas pela indiferença, abrir-se-ão de novo ao amor de Deus e despertará nelas a fome por conhecer o Pai bom que aguarda o seu regresso.

Pomos nas mãos da Virgem os nossos propósitos e intenções. A ela, suplicamos: *Salve, Rainha, Mãe de misericórdia, vida, doçura, esperança nossa (...); esses vossos olhos misericordiosos a nós volvei; e depois deste desterro, mostrai-nos Jesus, bendito fruto do vosso ventre. Ó clemente, ó piedosa, ó doce Virgem Maria!*

[Voltar ao índice](#)

* * *

¹ Jo, 15,5.

² St, 5,16.

- 3 1 Ts, 1-2.
- 4 1 Jo, 5,16.
- 5 São Josemaria, *É Cristo que passa*, n. 111.
- 6 São Josemaria, *Notas de uma reunião familiar*, 25 setembro 1971.
- 7 Francisco, *Audiência*, 12 outubro 2016.

© Copyright

Escritório de Informação
do Opus Dei, 2017

www.opusdei.org.br